

INSTITUTO SUPERIOR ANÍSIO TEIXEIRA

Rafaela de Paula Oliveira

CONFLITOS NA PADRONIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA *OFFSHORE*

São Gonçalo – RJ
2012

Rafaela de Paula Oliveira

CONFLITOS NA PADRONIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA *OFFSHORE*

Monografia apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em Estudos Avançados da Língua Inglesa e Tradução.

Orientador: Prof. M. José Manuel da Silva

São Gonçalo – RJ
2012

Rafaela de Paula Oliveira

CONFLITOS NA PADRONIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA *OFFSHORE*

Monografia apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em Estudos Avançados da Língua Inglesa e Tradução.

Orientador: Prof. M. José Manuel da Silva

José Manuel da Silva – ISAT

São Gonçalo, RJ, 21 de dezembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela Sua fidelidade, por ter me capacitado e me sustentado. Aos meus pais, Valcir e Suely, e ao meu irmão, Lucas, que me incentivaram, me apoiaram, auxiliaram nas minhas decisões e ensinaram que o coração é o que temos de mais precioso, e nenhum conhecimento pode alcançar seu valor. E, claro, ao meu marido, André.

RESUMO

As áreas *offshore* e/ou naval são conhecidas mundialmente, pois estão interligadas ao óleo e gás, que são interesse de todos. Por tal relação, as manifestações verbais e escritas específicas desse campo são usadas em diversos países, porém existe uma problemática na padronização: algumas empresas estabelecem alguns termos próprios, ou seja, não há uniformização. Esse trabalho tem a finalidade de apresentar diferentes representações terminológicas, que fazem o tradutor encontrar dificuldades na execução de traduções. Alguns exemplos de termos e traduções são apresentados nesse estudo. A pesquisa possibilitou a avaliação de alguns termos, e algumas recomendações são feitas para auxiliar o tradutor a minimizar as dificuldades surgidas em seu trabalho.

Palavras-chave: terminologia. tradução. offshore. padronização.

ABSTRACT

The Offshore and Naval areas are known worldwide because they are connected to the oil and gas industry, which interests everyone. For this reason, specific verbal and written expressions of this field are used in several countries; however, there are some problems in standardization, which this research discusses. Some companies establish proper terms and phrases, i.e., there is no standardization. This paper aims to show different terminological representations, which make the translator find difficulties to perform translation works. Some examples of terms and translations are given in this study. This work allowed the evaluation of some terminologies, and some recommendations are made to assist the translator in minimizing the difficulties encountered in his or her job.

Key words: terminology. translation. offshore. standardization.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – <i>Thruster</i>	22
FIGURA 2 – Reprodução de ferramenta para consulta <i>on-line</i> – <i>Oil & Gas Field</i> <i>Technical Terms Glossary</i>	28
FIGURA 3 – Lado externo do <i>pontoon</i> de uma plataforma	32
FIGURA 4 – <i>Draft</i> de uma embarcação	33
FIGURA 5 – Lados <i>starboard</i> e <i>port side</i> de uma embarcação	36
FIGURA 6 – "Incrustações marinhas" fixadas em estrutura submersa	37
FIGURA 7 – "Solda de costura" unindo duas estruturas	39
FIGURA 8 – "Amarra" de um navio	40
FIGURA 9 – "Grade da caixa de mar" de uma plataforma	41
FIGURA 10 – Peças estruturais de um navio	43
FIGURA 11 – "Olhal" fixado em uma estrutura	46
FIGURA 12 – "Meia nau" de um navio	47

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Termos referentes ao Exemplo 1 usados pelas empresas Paragon, Transocean e Petrobras	33
TABELA 2 – Tradução do termo “calado” apresentada em glossários brasileiros	34
TABELA 3 – Terminologias <i>plating</i> e <i>hull</i> e sua respectiva tradução	35
TABELA 4 – Abreviações dos termos <i>starboard</i> e <i>port side</i> apresentadas por instituições brasileiras e estrangeiras	37
TABELA 5 – Tradução do termo “incrustação marinha” apresentadas por organizações brasileiras e estrangeira	38
TABELA 6 – Terminologia “amarra” e suas representações em inglês	40
TABELA 7 – Tradução do termo “grade” apresentadas por empresas internacionais	42
TABELA 8 – Tradução dos termos “longarina”, “trincaiz”, “escoa” e “escora” apresentadas por organizações brasileiras	45

LISTA DE ABREVIATURAS

AM	Amazonas
ANP	Agencia Nacional de Petróleo
BOP	<i>Blow Out Preventer</i>
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
OPEP	Organização dos Países Produtores de Petróleo
PA	Plataforma Autoelevatória
Petrobras	Petróleo Brasileiro S.A.
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
QCDC	<i>Quick Connect-Disconnect Coupling</i>
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
SOBENA	Sociedade Brasileira de Engenharia Naval
SS	Plataforma Semissubmersível
TDP	<i>Touch Down Point</i>
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ZVM	Zona de Variação de Maré

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 HISTÓRIA DO PETRÓLEO	12
2.1 A atividade petrolífera no mundo	12
2.2 A atividade petrolífera no Brasil	14
3 TERMINOLOGIA ESPECIALIZADA	17
3.1 O que é terminologia?	17
3.1.1 <i>Palavra, termo e fraseologia</i>	18
3.2 Tradução técnica – <i>offshore</i>	20
3.3 Padronização	22
4 O TRADUTOR E A TRADUÇÃO	24
4.1 Posicionamento do tradutor quanto aos conflitos	24
4.2 Conhecimento na área	26
4.3 Estudo da documentação de consulta, influência da informatização e principais ferramentas de trabalho	27
4.4 Avaliação dos termos e conformidade terminológica	29
5 EXEMPLOS DOS CONFLITOS NA PADRONIZAÇÃO DOS TERMOS	31
6 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a atividade conhecida na indústria mundial de petróleo como *offshore* é um assunto de grande importância na história marítima dos povos, inclusive no Brasil, pois o petróleo se tornou indispensável, devido à produção de combustível e aos seus derivados, como solventes, plásticos, tintas, adesivos, corantes e cosméticos. As atividades desse setor estão em constante desenvolvimento; novas tecnologias são implantadas e tornam as anteriores obsoletas.

Essa indústria está ganhando cada vez mais destaque em nosso país, refletindo-se em nível de exigência de qualificação da mão de obra e também na geração de empregos. Dentro deste crescimento, novas empresas entraram no mercado brasileiro após a quebra do monopólio do petróleo da Petrobras, quando a Câmara dos Deputados aprovou a Emenda Constitucional N° 9, que deu à iniciativa privada o direito de exercer serviços na área que era exclusiva da Estatal.

Dado o início de atividades de organizações estrangeiras no Brasil, houve a necessidade de comunicação profissional, e o conjunto das unidades lexicais característico da área *offshore* começou a ser empregado, havendo a necessidade de tradução de documentos. Algumas aplicações das terminologias desse campo não são de comum uso de todas as empresas internacionais, e isso se reflete no trabalho de tradução para estabelecer uma única relação entre o termo original e o termo emitido em outro idioma. É essa dificuldade de precisão de registro que será tratada nesse caso em particular: a transmissão de um significado de um texto para outra língua não implica somente expor as mesmas ideias do autor, pois o meio de expressão e a linguagem que o cliente utiliza têm suas peculiaridades e características próprias.

Este trabalho tem por objetivo expor os conflitos existentes na padronização dos termos técnicos *offshore* e navais, devido ao número de organizações de diferentes nacionalidades envolvidas nesse segmento. Para melhor compreensão, estão inclusos termos para exemplificar as dificuldades e é feita uma análise deles no Capítulo 5. O assunto é iniciado com um resumo sobre a história do petróleo no mundo e o início das atividades no Brasil, no Capítulo 2. Em seguida, no Capítulo 3, é explicada brevemente a significação geral de terminologia e são introduzidas informações sobre palavra, termo, fraseologia, tradução técnica e padronização de

termos. No Capítulo 4, são abordados os assuntos referentes às complexidades ao traduzir textos na área naval; às ferramentas de trabalho do tradutor; à influência da informatização para auxiliá-lo; ao estudo dos documentos consultados; ao conhecimento que se deve ter; à necessidade de avaliação dos termos e à conformidade terminológica. Também é apresentada a posição do tradutor em relação à padronização e algumas informações serão expostas para ajudá-lo. Os exemplos dos conflitos são expostos no Capítulo 5. Por fim, o Capítulo 6 apresenta as conclusões do trabalho e enfatiza as dificuldades que o tradutor encontra ao realizar a tradução de um documento na área *offshore* e as orientações ao transmitir um termo original especializado para outro idioma de forma que assegure a qualidade da tradução exigida pelo cliente final.

Todavia, é necessário esclarecer que esta pesquisa não pretende julgar se as terminologias usadas são adequadas ou inadequadas, padronizá-las ou mesmo propor alterações desses termos. Ao contrário, o foco é analisar o sistema de palavras da área *offshore*, exemplificados neste trabalho, e o posicionamento do tradutor ao realizar uma tradução técnica, apresentando, também, meios para atenuar as dúvidas originadas devido à padronização de termos.

2 HISTÓRIA DO PETRÓLEO

Este capítulo trata da história do petróleo no mundo e no Brasil, o que mudou o estilo de vida da sociedade, devido aos derivados desse ouro negro. Serão mostradas em ordem cronológica a influência do petróleo na economia mundial e as fronteiras geopolíticas que definem a indústria petrolífera de hoje.

2.1 A atividade petrolífera no mundo

A indústria de petróleo nasceu em terra, nos Estados Unidos, aproximadamente na segunda metade do século XIX, quando o Coronel Drake descobriu um poço de apenas 21 metros de profundidade, que produzia 2 m³/dia de óleo. Os fatos que marcaram o início da era do petróleo se deram quando James Young, na Escócia, descobriu que sua destilação derivava produtos que substituíam o óleo de baleia usado para iluminação e o querosene, proveniente do carvão.

Outro acontecimento importante na história do petróleo ocorreu em 1900, quando o americano Antony Lucas, do Texas, encontrou óleo a uma profundidade de 354 metros, utilizando o novo método de perfuração, o rotativo, em vez do método percussivo, que nos anos seguintes foi substituído devido ao desenvolvimento da perfuração rotativa. Para melhor entendimento do assunto, a perfuração por percussão, de acordo com a apostila *Perfuração para Técnico de Petróleo da Universidade Federal do Paraná (UFPR)*¹, é feita através de batidas constantes na rocha usando uma broca, causando a sua fragmentação por esmagamento. As frações de pedra geradas no interior do poço após os golpes são retiradas posteriormente. O método rotativo consiste do movimento de rotação de uma broca que causa o esmerilhamento da rocha, devido à compressão.

O fato histórico que colocou o petróleo no centro da geopolítica internacional não foi seu valor econômico, foi sua importância militar. Em 1911, os ingleses admitiram a possibilidade de uma ameaça de guerra com os alemães se concretizar. O conjunto de forças armadas de guerra da Inglaterra era movido a carvão, e os navios, movidos a petróleo, já naquela época eram mais velozes e tinham vantagens em termos de espaço e mão de obra, ou seja, a Inglaterra precisava mudar a fonte de energia de sua armada o quanto antes.

¹ Disponível em: http://www.tecnicodepetroleo.ufpr.br/apoio_didatico.htm. Acesso em: 10 jan. 2012.

Como o petróleo na época era basicamente produzido nos Estados Unidos e os almirantes britânicos não confiavam nesse mercado dominado por poucas empresas americanas e pela Shell (comandada por holandeses), o governo inglês estatizou sua própria empresa, a atual British Petroleum, para garantir suprimentos estáveis e baratos para a marinha.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) promoveu a influência militar do petróleo; meios de transportes a carvão e cavalos foram substituídos por veículos movidos por motores a gasolina ou a diesel.

O maior produtor de petróleo do mundo, até 1945, eram os Estados Unidos, e em seguida Venezuela, México, Rússia, Irã e Iraque. Finalizada a Segunda Guerra Mundial, se iniciou uma nova fase histórica geopolítica e econômica, e os americanos tinham cada vez mais convicção do valor do petróleo para reorganizar as relações internacionais. Os EUA continuavam com 50% da produção mundial nos anos 1950, mas no Oriente já começava a ser firmado um novo polo produtor potencialmente mais poderoso. Uma intensa atividade exploratória ocorreu na mesma década, e também começavam a se intensificar os investimentos no mar, de onde emergiram novas técnicas para exploração.

Na década de 1960, a abundância de petróleo disponível no mundo estimulou seu incontrolável consumo, pois havia excesso de produção e preços baixos. O hemisfério oriental que tinha se destacado na década anterior começou a se estabelecer e a pressionar as grandes companhias internacionais que tinham permissão para atuar nos países consumidores. O Oriente Médio e a União Soviética propagaram seus êxitos na exploração de petróleo, com reservas de óleo e de gás, respectivamente.

O acesso ao petróleo pelos países consumidores era relativamente fácil em consequência dos preços estáveis. Alguns países produtores do Oriente Médio, contudo, estavam pressionando fortes empresas internacionais, que possuíam permissão para atuar em tais países, a aumentar suas participações no preço final. Para autenticar tal movimento, em 1960 foi criada a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) para estabelecer uma política petrolífera comum a todos os grandes produtores de petróleo do mundo (países membros); definir estratégias de produção; controlar preços de venda de petróleo no mercado mundial; analisar e gerar conhecimentos para os países membros sobre o mercado de petróleo mundial e controlar o volume de produção de petróleo da organização.

Na década de 1970, houve um enorme aumento nos preços do petróleo. Os Estados Unidos queriam enfraquecer o poder das grandes empresas e assegurar seu suprimento interno, e para isso ocorrer eles passaram a apoiar a OPEP para que aumentasse o valor e estimasse a atuação de companhias independentes, acontecimento que ficou conhecido como Acordo de Teerã. Esse impacto no preço, que ocorreu em 1973, levou à exploração em ambiente marinho, pois a possibilidade de escassez do produto no mercado fez com que os países consumidores desenvolvessem programas de economia de combustíveis e de geração de energias alternativas.

Nos anos 1980 e 1990, houve a redução dos custos de exploração e de produção por causa dos avanços tecnológicos, surgindo, assim, um novo ciclo econômico para a indústria petrolífera.

Enfim, a cada século o petróleo se firmava como um bem natural extremamente necessário, já que produtos eram e são originados a partir de compostos derivados do petróleo, seja de produção direta ou indireta.

2.2 A atividade petrolífera no Brasil

Em 1858, o Marquês de Olinda concedeu a José Barros Pimentel, ao assinar o Decreto nº 2.266, a permissão de extrair mineral que continha betume (mineral natural, rico em carbono e hidrogênio, derivado do petróleo) para a fabricação de querosene, em terrenos às margens do Rio Marau, província da Bahia. No ano seguinte, foi realizada a construção da Estrada de Ferro Leste Brasileiro, e o inglês dedicado aos estudos geológicos, Samuel Allport, observou o gotejamento de óleo em Lobato, em Salvador.

Apesar da identificação de possível petróleo em terras brasileiras, foi no ano de 1891, em Alagoas, que as primeiras notícias sobre as pesquisas surgiram, pois foram encontrados sedimentos argilosos betuminosos no litoral. O primeiro poço foi perfurado por Eugênio Ferreira Camargo em 1897, no município de Bofete, São Paulo, atingindo o máximo de profundidade de 488 metros.

Em 1938, em Lobato, BA, foi iniciada a perfuração do poço DNPM-163, período em que o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) acabara de ser criado, e o petróleo foi encontrado no dia 21 de janeiro de 1939. Até o final desse ano, aproximadamente 80 poços tinham sido perfurados.

Após a criação, em 1953, do monopólio estatal do petróleo, a Petrobras, no governo do Presidente Getúlio Vargas, descobriu petróleo em Alagoas, Amazonas, Pará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Ceará, Bahia, Sergipe, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo.

Os grandes marcos da década de 1970 foram os descobrimentos da província petrolífera da Bacia de Campos, RJ, por meio do campo de Garoupa, e a descoberta de petróleo na plataforma continental do Rio Grande do Norte, por meio do campo de Ubarana.

A segunda maior área produtora de petróleo do país, em Mossoró, RN, foi encontrada na década de 1980; também nessa época vieram os imensos campos de Marlim e Albacora, além de descobertas de petróleo no Rio Urucu, AM.

A inserção do Brasil no mercado internacional ocorreu em 1990; o país começou a ter investimento no desenvolvimento da indústria de petróleo atraindo investidores internacionais. Também ocorreu a abertura do mercado de petróleo no país, mercado que estava sob o monopólio da Petrobras, exceto o setor de distribuição de derivados de petróleo, aberto à competição, e o primeiro passo do rompimento desse monopólio foi por meio da Emenda Constitucional N° 9 e de sua regulamentação, pela Lei N° 9.478, a chamada Lei do Petróleo, editada em 1997. Tal Lei criou a Agência Nacional do Petróleo (ANP), órgão que passou a ser responsável pela regulação, contratação e fiscalização das atividades econômicas da Indústria do Petróleo.

Entre outubro de 1997 e março de 1998, a Petrobras começou a receber propostas concretas de parceria em exploração e produção. Em junho de 1998, a ANP definiu as áreas que ficariam com a Petrobras, e dois meses depois a ANP e a Companhia assinaram os contratos de concessão de 115 blocos exploratórios, que são áreas delimitadas para exploração. Definidas as áreas exploratórias e as condições contratuais, foi iniciada a etapa de estabelecimento das condições comerciais nos contratos de parceria. Os primeiros quatro contratos para exploração e três para desenvolvimento da produção foram assinados em 1998, com as empresas estrangeiras YPF (posteriormente Repsol-YPF), Santa Fé (posteriormente Devon-Sta. Fé), Norbay, Coastal (posteriormente El Paso-Coastal), Perez Companc, Union Pacific Resources (posteriormente Anadarko-UPR), TDC, e com as nacionais Petroserv, Sotep e Ipiranga. Até 2001 foram realizadas três Rodadas de Licitações

de Blocos Exploratórios promovidas pela ANP, em que mais empresas se tornaram concessionárias de blocos exploratórios.

A Petrobras ampliou sua área de pesquisa para exploração a partir de 2002, com novas frentes exploratórias nas bacias de Santos, Espírito Santo, Bahia, Sergipe e Alagoas. No ano seguinte, as reservas e a produção da Companhia começaram a mudar para uma imagem mais valorizada no mercado mundial do petróleo, pois foram descobertos um grande volume de petróleo e novas províncias de óleo de ótima qualidade, além de gases natural e condensado.

Em 2003, um novo período de atividade petrolífera no Brasil se iniciou, com a descoberta de outras bacias, aumentando, assim, a produção de petróleo. Em 2006, esse volume de produção levou o Brasil à autossuficiência sustentável, pois houve o início das operações da unidade marítima P-50 no campo de Albacora Leste, na Bacia de Campos, RJ.

No ano de 2007, o governo brasileiro anunciou a descoberta de um novo campo de exploração, a camada pré-sal. Em setembro de 2008, começou a primeira produção no pré-sal no campo de Jubarte (a Bacia de Campos, litoral sul, no Espírito Santo). De 2010 a 2014, houve um crescimento de aproximadamente 12 vezes referente à média anual de produção diária. Até 2018 é estimado que haja aumento considerável da atual produção de petróleo.

3 TERMINOLOGIA ESPECIALIZADA

3.1 O que é terminologia?

Os sistemas para registrar a comunicação existem a mais de 3.000 a.C. As palavras foram criadas para expressar, classificar, designar formas, objetos e métodos. Até hoje denominações são formadas, principalmente na atual sociedade, em que há desenvolvimento científico e tecnológico de variadas atividades profissionais. Muitas palavras são criadas com conceitos exclusivos para se referirem especificamente a um campo profissional com a finalidade de uma melhor comunicação. Essas palavras específicas de uma determinada atividade de trabalho são chamadas de “terminologia”.

Terminologia é uma palavra polissêmica; além de se referir ao conjunto de vocabulário específico de uma área, a “Terminologia” também é uma disciplina que estuda os conceitos e suas denominações, ou seja, os termos, usados nas línguas. As bases dessa disciplina foram desenvolvidas pelo engenheiro austríaco Eugenio Wüster, em 1972, na Universidade de Viena, e como havia a necessidade de uniformizar os termos especializados para que houvesse uma comunicação clara entre os profissionais de uma determinada área, Wüster desenvolveu vários estudos que deram origem à Teoria Geral da Terminologia.

Segundo Pavel e Nolet (2002, p. 17), a palavra terminologia significa um “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social”; essas palavras são conhecidas como “termos”. Esses signos linguísticos são assim denominados por terem um significado específico, que fazem parte de uma área exclusiva.

As denominações técnicas estão na língua porque são suscetíveis de serem traduzidas em língua estrangeira, mas são denominações de conhecimentos especializados, e é isso que as torna pertinentes terminologicamente. (LÉRAT, 1995, p. 45)

Os termos transmitem conteúdos próprios de cada área e suas duas principais funções são de representação e transmissão do conhecimento específico. Isso significa que um conceito em uma profissão, ou em uma arte, ou ciência, pode não ter a mesma significação geral.

A importância de denominar conceitos amplia a comunicação entre indivíduos de um mesmo campo de atuação e interesse:

O uso de termos técnicos é um importante recurso para precisão conceitual nas comunicações profissionais favorecendo, conseqüentemente, a almejada univocidade. A precisão conceitual torna-se uma condição necessária para um eficiente intercâmbio comunicativo. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 18)

Em um aspecto mais restrito e mais especializado, o mesmo termo designa uma “disciplina linguística consagrada ao estudo científico dos conceitos e termos usados nas línguas de especialidade” (PAVEL; NOLET, 2002, p. 17). Segundo Cleci Regina Bevilacqua², existem dois tipos de língua: a comum, usada no cotidiano, e a de especialidade, utilizada para oferecer uma comunicação em uma área determinada do conhecimento ou da prática, que não gere ambigüidade, com base num vocabulário e em usos linguísticos específicos desse campo.

O trabalho da Terminologia é um processo que consiste em identificar os termos que designam os conceitos específicos de uma área, assegurar o emprego desses termos com referências confiáveis, descrevê-los com concisão, discernindo o uso correto do uso incorreto, e aconselhar ou desaconselhar certos usos, para que a comunicação seja clara, ou seja, sem ambigüidades.

A representação e transmissão de conhecimento são as principais funções dos termos, e para uma comunicação eficiente dos profissionais é preciso haver uma precisão de seus usos, baseados nos respectivos conceitos.

3.1.1 *Palavra, termo e fraseologia*

No processo de comunicação as palavras são unidas para expressar ideias. Essas palavras podem ser de conhecimento geral ou de uma área específica, por exemplo, de uma ciência, arte, área profissional; a representação dessas palavras dentro de um contexto específico é chamada de “termo técnico”.

“Termo” é uma palavra que tem um significado especializado em uma área específica, por exemplo, “tanque” (significação comum: cuba para se lavar roupa ou recipiente para armazenamento de água; termo de marinha: compartimento de um

² Dissertação disponível em: <http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/dissertacoes/dissertacao_1996_BEVILACQUA.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2012.

navio usado para armazenar líquidos); “meliante” (significação comum: indivíduo de maus costumes, vadio, malandro; termo de linguagem policial: aquele que comete um delito, infrator); *vintage* (significação comum traduzida para o português: antigo; ano da safra de um vinho; termo de decoração ou moda: algo antigo e clássico).

O termo é um elemento linguístico diferente de palavra, unidade da língua geral, por estar em um contexto específico. Uma palavra tem classes e muitos significados, visto que são elementos do léxico da língua. Um termo, ao contrário, é uma palavra contextualizada, tendo uma interpretação exclusiva a um texto ou discurso. Entretanto, Krieger e Finatto afirmam que termo e palavra não se diferenciam no que se refere ao funcionamento:

Ao circularem em inúmeros cenários comunicativos, não permanecendo mais restritos aos intercâmbios profissionais, os termos passaram a integrar o léxico geral dos falantes de uma língua, mesmo sofrendo perdas em suas densidades conceituais. Tal circulação, ao mesmo tempo, evidencia que não há uma fronteira rígida a separar léxico geral de léxicos especializados. Uma constatação dessa natureza, que aproxima termo/palavra sob o prisma de seus modos de funcionamento no discurso, redimensiona as proposições clássicas de que o conjunto das terminologias constitui um subcomponente do léxico geral, formando uma língua à parte, denominada língua de especialidade. (KRIEGER; FINATTO, 2004. p. 80)

As palavras formam uma “fraseologia”, que é uma frase feita, expressão idiomática, provérbio, por exemplo, “pau para toda a obra” (pessoa que não recusa trabalho); “a união faz a força” (quanto mais as pessoas se unem por uma determinada causa, maior a chance de alcançarem o objetivo). Esse processo acontece devido ao uso repetido, à frequência de ocorrência. O significado de uma fraseologia muitas vezes depende do contexto, ou de todo o discurso ou raciocínio de que ela faz parte. Além de um conjunto de modos de expressão peculiar a um idioma, tempo/época, a fraseologia também é usada em um ramo de atividade, conhecida como fraseologia especializada, que inclui um termo entre seus elementos. Em sua obra *Introdução à Terminologia* (2004), Krieger e Finatto afirmam que:

Considera-se que a fraseologia é uma estrutura representativa de um nódulo conceitual das diferentes áreas temáticas, sobretudo quando inclui um termo em sua composição. Donde a importância de reconhecimento dessas estruturas que coexistem ao lado dos termos, formando uma complementaridade de expressão e de conteúdos pertinentes às áreas de especialidade. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 85)

A fraseologia se difere do termo; ela pode ser composta por um verbo, adjetivo, substantivo, enfim, por unidades de classes gramaticais diferentes. Esther Blais afirma que termo pode ser simples, formado por uma palavra, ou complexo, formado por várias palavras que possuem uma só interpretação, um significado; e fraseologia seria uma combinação de unidades linguísticas que formaria um conceito (BLAIS, 1993). Exemplos de fraseologias especializada: “participo que a embarcação não apresenta, neste momento, discrepâncias que comprometam a segurança da navegação”³ (usada na área naval para se dirigir a passageiros); “por estarem assim justos e acordados, as partes firmam o presente contrato” (usada em documento jurídico para firmar contrato).

3.2 Tradução técnica – *offshore*

A tradução técnica é primeiramente diferenciada de outras formas de tradução pela terminologia, embora terminologia geralmente seja 5%-10% da parte de um texto, segundo Newmark (1988, p. 151).

Alguns tradutores talvez prefiram se especializar em traduções técnicas, devido a dificuldades inerentes à tradução literária, que trata da transmissão de metáforas e outras figuras estilísticas da linguagem, comuns em Literatura. A linguagem literária quebra as normas comuns de linguagem, incluindo normas grafológicas, estilísticas, gramaticais, lexicais, semânticas e fonológicas. Tradução literária é diferente de tradução técnica, que lida com manuais, instruções e relatórios, o que em geral é destinado a um público especializado que utiliza esse tipo específico de texto. Portanto, o uso do vocabulário correto no caso de tradução técnica é extremamente importante, e a estética e o estilo do texto não são tão essenciais. Por outro lado, quando se trata de tradução de textos literários, como romances ou poemas, é necessário que o tradutor tenha mais habilidades estilísticas, um conhecimento enciclopédico mais amplo.

Na tradução técnica *offshore* é necessário ter adequação terminológica para garantir a precisão técnica dos termos utilizados, pela experiência na área e materiais para consulta satisfatórios, consistência na terminologia e principalmente qualidade no conteúdo. Este tipo de tradução está vinculado a palavras de uso comum neste determinado segmento; quando usados em um contexto geral podem

³ Disponível em: <<http://www.dpc.mar.mil.br/sites/default/files/cft.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2011.

ou não ter o mesmo significado. Por exemplo, o termo técnico *bird cage* na área *offshore* foi traduzido para português como “gaiola”. Em um contexto geral, “gaiola” é uma casa formada por ripas, com espaço entre si, que se destina a aprisionar aves (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001); já no campo *offshore*, área técnica, a “gaiola” serve para achatar as pernas ou cordão de um cabo de aço (NAVSOFT, 2000).

O tradutor deve atentar para os jargões que também são utilizados em determinada área profissional. É difícil evitar o uso de jargão quando sua disseminação está ligada ao uso das ferramentas de trabalho; as palavras que ainda não sofreram sua tradução para o português, por não serem de uso comum, acabam por serem empregadas na sua forma original.

Um exemplo de palavra que não foi traduzida é o termo *Quick Connect-Disconnect Coupling* (QCDC) – tipo de conector para engate rápido de um duto em uma unidade de exploração e produção ou monoboia. Possui dispositivo de fechamento automático ao desacoplar, garantindo a segurança das sondas de produção no caso do abandono imprevisto de uma locação⁴. Este conector não é usualmente utilizado em embarcações.

Algumas palavras foram vertidas para o português, porém sua estrutura de origem é a mais aplicada. Exemplos: *thruster* (Figura 1) – propulsor, tipo de equipamento que fornece maior qualidade nas manobras às embarcações, formado por uma hélice lateral embutida dentro de um pequeno túnel no casco da proa ou popa, localizado um pouco abaixo da linha d’água (também é utilizado o termo *tunnel thruster* para este caso); outro termo é *Blow Out Preventer*, conhecido também por sua sigla BOP, que é o sistema de segurança contra estouros; *riser* – duto flexível de interligação; *lifting gear* – mecanismo de levantamento ou de suspensão; *fairlead* – guia de reboque, geralmente duas guias tubulares com sistema de roletes, colocadas no centro próximas ao convés principal, para direcionar o manuseio do cabo de arame.

⁴ Definição disponível em: <<http://offshorebrasil.blogspot.com/2011/02/glossario-de-engenharia-submarina-q-ate.html>>. Acesso em: 22 out. 2011.



Figura 1 – *Thruster*

[Disponível em: <<http://www.brighthubengineering.com/naval-architecture/36178-how-do-bow-thrusters-work>>. Acesso em: 13 jul. 2015]

Há também os termos que não foram traduzidos: *spool* rígido – trecho do duto que se inicia na conexão submersa do *riser* e termina no trecho de superfície do duto; *Touch Down Point* (TDP) – região de um duto em catenária cujo contato com o leito marinho varia em função dos movimentos da plataforma a que está conectado; *pull-in* – operação de transferência de linha flexível do navio de lançamento para um sistema de superfície (plataforma fixa, flutuante e monoboia); *pull-out* – operação inversa à *pull-in*, ou seja, transferência de linha flexível de uma unidade de superfície para navio de lançamento de linhas flexíveis.

O uso da terminologia em inglês facilita e agiliza a troca de informações entre profissionais de países distintos, mas isso não deve ser justificativa para que as palavras não sejam traduzidas; a utilização dos termos no idioma original ou traduzidos dependerá da exigência do cliente.

Enfim, as traduções específicas exigem grande conhecimento específico por parte do tradutor e familiaridade com a técnica e com os processos envolvidos, para que a tradução reflita com propriedade a intenção e função do texto original para um trabalho final de excelência.

3.3 Padronização

A padronização de termos técnicos facilita a comunicação profissional com outros países. Ela é um dos elementos fundamentais que pode assegurar a qualidade de traduções técnicas. Traduções precisam seguir padrões para não

apresentarem qualidade inferior em relação a outras. Traduções técnicas que são elaboradas sem normas ou referências, ou direcionamentos, não têm lugar no mercado hoje, pois o mesmo exige qualidade, que é um conceito que se baseia em padrões. As agências de tradução utilizam a padronização em todas as fases de trabalho para se alcançar um produto com excelência. A padronização é aplicada no planejamento do projeto, na seleção dos tradutores, na definição de prazos e no gerenciamento terminológico e linguístico, até a entrega de uma tradução com forma e conteúdo corretos e adequados para o cliente.

O alcance da padronização perfeita se cumprirá com a realização de um trabalho paciente e de melhoria contínua. Para isso é necessário identificar a situação atual da uniformização, avaliar paralelamente às empresas concorrentes, e envolver também todos aqueles que têm conhecimento dos termos, fraseologias e definições.

Consciente da necessidade de uma comunicação especializada, o Departamento de Tradução do governo do Canadá, Translation Bureau, (TRANSLATION, 1934) elaborou um curso interativo para compartilhar os conhecimentos adquiridos acerca de normalização terminológica com os funcionários públicos do governo canadense e com instituições e grupos, nacionais e internacionais, interessados em harmonizar o uso de terminologias empregadas no seu trabalho diário. O Departamento elaborou e continua elaborando uma metodologia de pesquisa e de normalização terminológica e aperfeiçoa o banco de dados TERMIUM®, que é um instrumento de reunião, de gestão e de difusão dos resultados de seus trabalhos terminológicos. A área *offshore* ainda não foi explorada, mas eles aceitam sugestões de terminologia e qualquer contribuição será transmitida aos terminólogos. Entretanto, eles só podem fornecer assistência de pesquisa para seus clientes de organizações governamentais ou não governamentais.

A padronização é o processo de realizar acordos entre as delegações (nacionais), representando todos os agentes envolvidos, ou seja, fornecedores, usuários, reguladores do governo e outros grupos de interesse, tais como tradutores e terminólogos. Padrões internacionais fornecem um quadro de referência, ou uma linguagem tecnológica comum entre os fornecedores e seus clientes – que facilita o comércio e a transferência de tecnologia. O resultado deste processo é um padrão.

4 O TRADUTOR E A TRADUÇÃO

4.1 Posicionamento do tradutor quanto aos conflitos

Realizar uma tradução de uma área que está em contínua atualização e em que há diferenças no uso de termos e fraseologias pode gerar insegurança por parte do tradutor, não só na opção correta das palavras, mas principalmente na qualidade final da obra para o cliente. Newmark, em seu livro *A Textbook of Translation* (1988, p. 152), atenta para a dificuldade em tradução técnica, que é geralmente a nova terminologia. Tratando-se de qualidade de trabalho, e trabalho que envolve diretamente vocabulário, uma palavra cuja existência é desconhecida implica o surgimento de dúvidas quanto ao uso correto do termo, à significação, e se há tradução. A maior dificuldade provavelmente é, também, com os neologismos técnicos (emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras existentes na mesma língua ou não) no idioma de origem. Ainda sobre neologismos, o autor de *Bem-vinda Terminologia*, Claudio Cezar Henriques, diz que o uso de neologismos em uma linguagem específica provém de considerações daqueles que os empregam (HENRIQUES, 2004). Logo, uma palavra pode ter sido criada ou adequada exclusivamente em um determinado local, e isso também dificulta um trabalho tradutório.

(...) a maioria dos neologismos lexicais ou semânticos utilizados nas linguagens específicas demanda uma série de considerações diante de qualquer comunidade que os adote. (HENRIQUES, 2004, p. 278)

Uma abordagem a ser realizada, quando o tradutor se depara com dificuldades de tradução, é sublinhar o que parecem ser os termos-chave e então consultá-los em enciclopédias e outros documentos, para que sejam eliminadas as dúvidas quanto à aplicação.

Newmark (1988, p. 155) considera também outro problema, que é a distinção entre os termos técnicos, que são as palavras padronizadas que transmitem conteúdos próprios de uma área; e os termos descritivos, palavras-chaves, não padronizadas, que também transmitem um conhecimento específico e que ajudam a descrever os termos técnicos. O escritor da obra no idioma de origem pode usar um termo descritivo para um objeto técnico por três razões: primeiro – o objeto é novo e por isso não tem um nome; segundo – o termo descritivo está sendo usado como

uma alternativa de emprego, para evitar repetição; e terceiro – o termo descritivo é usado para fazer um contraste/comparação com outro termo.

Newmark (1988, p. 155) faz orientações em relação às dificuldades na tradução: ele diz que normalmente deveriam se traduzir termos técnicos e descritivos por suas reproduções e, em particular, conter a vontade em traduzir um termo descritivo por um termo técnico com o propósito de mostrar seu conhecimento, assim sacrificando a força linguística do termo descritivo da língua de origem. No entanto, se o termo descritivo do idioma de origem está sendo usado também por negligência ou ignorância do escritor da língua de origem, ou porque o termo técnico adequado não existe, ou se o objeto é estranho, mas não para o tradutor, então há justificativa para se traduzir um descritivo por um termo técnico.

Tradutores técnicos têm a tendência de rejeitar qualquer termo descritivo onde exista um termo técnico na língua-alvo; um termo técnico (idioma padronizado) é sempre mais preciso (narrador em campo semântico) que um termo descritivo (idioma não padronizado). Casualmente, essa tendência faz com que seja ignorada qualquer diferença entre o idioma falado e o escrito, e ignorar essa diferença vai contra uma boa tradução (NEWMARK, 1988, p. 154).

Por outro lado, um termo técnico pode ter sido encontrado pelo tradutor e contribuirá para adaptar o leitor profissional, mas termo descritivo em um texto da língua de origem pode servir para outros propósitos comunicativos. Também se deve atentar quanto às nomenclaturas obsoletas e aos usos regionais.

O posicionamento do tradutor diante dos conflitos gerados durante a realização de seu trabalho é que seu conhecimento tem que ser atualizado constantemente, assim como os bancos de dados, deve possuir edições recentes de todos os textos da área e manter contato com o cliente. Os profissionais da tradução precisam ser conscientes o bastante para discutir com seus clientes a terminologia de cada produto traduzido, com o objetivo de alcançar traduções coerentes, sem distorções, e assim o entendimento da mensagem, evitando o emprego abusivo de termos e estruturas emprestadas da língua estrangeira (estrangeirismo). O tradutor tem que estar em constante aperfeiçoamento; esse aprimoramento não precisa necessariamente ser feito dentro da sala de aula – é possível adquirir mais conhecimento pela experiência e pela pesquisa.

4.2 Conhecimento na área

Dominar o idioma é indispensável, mas não suficiente para realizar uma tradução de boa qualidade. Em traduções técnicas, dominar o tema abordado é extremamente importante. Realizar um trabalho sem conhecer o assunto vai influenciar na qualidade do serviço, e pesquisa é fundamental para que se possa entender o que está sendo elaborado. Deve haver investimentos em estudo e consultas, o tempo que for necessário, pois isso trará mais confiança e agilidade na execução do trabalho.

Quando tiver de traduzir determinado termo que tenha várias possibilidades de tradução, o melhor a se fazer é realizar uma comparação da definição do termo no idioma de partida e no idioma de chegada, e compará-las até encontrar a possibilidade mais correta, devidamente contextualizada. Se for possível, devem-se consultar documentos originais do cliente, que sejam relacionados ao assunto que a tradução será realizada, pois é uma forma de perceber como o cliente especifica ou identifica determinadas palavras.

Participar de fóruns sobre tradução ou sobre assuntos relacionados à área é uma forma de se atualizar, pois além de contar com a experiência e ajuda de outros profissionais, é uma eficiente maneira de acompanhar o que acontece no mercado, principalmente em se tratando de *offshore*, que é uma atividade em evidência e sempre com novidades. Ainda sobre atualizações, os mecanismos de busca *on-line* são muito úteis, mas nem sempre confiáveis. É preciso pesquisar em várias fontes antes de decidir que termo usar. O número de ocorrências não significa que determinado termo está correto. O tradutor deve pesquisar sobre a empresa para onde o documento será enviado, os termos mais utilizados, e, principalmente, se houver acesso, relatórios já elaborados, escopos de serviços⁵, diagramas com nomenclaturas, desenhos chave. Esses serão os maiores auxílios para compreender a forma mais comum das fraseologias ou termos usados.

O tradutor deve acompanhar a evolução do conhecimento das atividades, e isso significa manter-se em dia com as novidades e consequências no respectivo discurso. Praticar a leitura da documentação especializada existente, participar de

⁵ Escopo de serviço/trabalho é a descrição de serviços que devem ser realizados e/ou objetivos de um projeto.

uma rede de especialistas assessores e se manter atualizado nos temas abordados em debates, conferências e exposições organizadas sobre a área de atividade.

Os conhecimentos adquiridos serão um auxílio na hora de identificar a terminologia fundamental. Além disso, será uma ferramenta indispensável para facilitar o reconhecimento da terminologia nova, em que neologismos são frequentes, cujos conceitos são mais difíceis de compreender devido às contradições que podem surgir em função dos usos.

4.3 Estudo da documentação de consulta, influência da informatização e principais ferramentas de trabalho

A pesquisa terminológica se propõe, primeiramente, identificar termos que comunicam conhecimentos especializados. Sua função principal consiste em transmitir os conhecimentos especializados e autenticar o uso terminológico.

O tradutor deve sempre procurar conhecer os melhores documentos existentes em seu campo e a avaliar por categoria de referência: enciclopédias, monografias, manuais universitários e técnicos, atas de congressos e discursos, publicações especializadas e de divulgação, prospectos, folhetos publicitários, dicionários, vocabulários, bases de dados documentais, terminológicas e linguísticas, endereços na Internet e páginas *web* dos melhores provedores de conteúdo em sua especialidade.

De acordo com a organização federal do Canadá, Translation Bureau (TRANSLATION, 1934), que publica matérias de auxílio ao tradutor, é comum dar prioridade a alguns tipos de documentação. Por isso, são preferíveis as obras no idioma original a traduções, assim como as enciclopédias e outras obras pedagógicas reconhecidas ou recomendadas pelos especialistas na área de tradução. A utilização de monografias se avalia em função da data de publicação, do grau de sistematização do conteúdo e da presença de uma bibliografia atualizada, um índice dos conceitos analisados, um glossário que os defina e um índice de matérias. É dada prioridade também às publicações especializadas, em vez de revistas de divulgação. A Internet, por sua vez, oferece opções vastas de fontes documentais que são transitórias e de qualidades diferentes.

As transformações tecnológicas, como bibliotecas virtuais, terminais de buscas e bancos de dados repercutem de forma evidente no desempenho de todos

os que trabalham com o conhecimento e que têm como principal objetivo transmitir e administrar conteúdos especializados. O tradutor, assim como outros profissionais da língua, tem que se adequar a essas transformações no exercício de suas atividades profissionais em computadores conectados à Internet. Krieger e Finatto (2004) também consideram importante o uso da Internet como meio de consulta, quando afirmam que:

(...) dicionários eletrônicos e bancos de dados terminológicos *on-line* tornam-se ferramentas cada vez mais indispensáveis para o tradutor, ainda que o profissional só se aproxime delas como um usuário, sem postura crítica sobre sua concepção. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 178)

A tela reproduzida na Figura 2 é uma ferramenta de consulta *on-line*, a *Oil & Gas Field Technical Terms Glossary*, com mais de 2.000 termos, um glossário com termos técnicos em inglês do campo de petróleo e gás. O tradutor, caso saiba a tradução, pode confirmar se o termo pelo que ele traduziu existe de fato, e se sua definição condiz com o contexto do documento a ser trabalhado.



Figura 2 – Reprodução de ferramenta para consulta *on-line* – *Oil & Gas Field Technical Terms Glossary*

[Disponível em: <<http://oilgassglossary.com>>. Acesso em: 13 jul. 2015]

Os meios citados anteriormente pretendem divulgar os termos mais empregados, estimular a troca de informações e experiências entre os profissionais da área naval-marítima. A padronização não é o foco dessas ferramentas, pois essa é uma responsabilidade de todos os envolvidos. Essa é uma forma de facilitar o trabalho daqueles que trabalham nessa categoria.

Outro meio de consulta de termos são documentos elaborados por profissionais dentro da organização em que trabalham. O autor August Hoffman, do Sindicato Nacional dos Oficiais de Náutica e de Práticos de Portos da Marinha Mercante, elaborou um documento técnico marítimo com terminologias da estrutura do navio; de construção e reparo naval; de dados do navio e acessórios; de

condições climáticas no mar; de contabilidade marítima; de carta de indenização e até com modelos de notificações aos clientes (HOFFMAN, 2011). Esse é um documento que pode ser considerado seguro para consulta, por ter sido produzido por um especialista na área.

As principais ferramentas de trabalho do tradutor são a documentação impressa ou digitalizada, a Internet ou qualquer outro suporte de informação que permita identificar dados; os programas de computador para armazenamento de termos, registro de dados em fichas terminológicas e gestão de grandes bases terminológicas; os programas de concordâncias e os programas de alinhamento de textos e os programas geradores de edição e de publicação eletrônica.

Além das ferramentas citadas anteriormente, o principal instrumento está dentro do tradutor, a busca por um trabalho com excelência, pois mesmo aquele que é experiente na área pode não entregar um trabalho final digno de elogios. O esforço em conseguir o aprimoramento, com aumento do conhecimento empírico, bem como ser organizado, são o caminho para o sucesso.

4.4 Avaliação dos termos e conformidade terminológica

Um termo pode ser uma indicação técnica, ou pode pertencer a um jargão técnico; pode estar registrado de forma correta ou incorreta, ou pode ser o termo universal, comum, oficial ou utilizado unicamente em uma determinada região geográfica; pode ser um neologismo aceito ou criticado; ou ainda pode ser um termo pouco usado, ou que não está em uso, normalizado ou harmonizado. O tradutor deve pesquisar, ou até mesmo consultar um terminólogo se for possível, para empregar a terminologia correta, combinando os sinônimos por meio de marcas de uso, explicando e ilustrando o uso de acordo com observações ou exemplos de aplicações, e ratificando a informação fornecida pelas referências exatas, retiradas das fontes de informação consultadas.

No Manual de Terminologia da Translation Bureau (TRANSLATION, 1934) é mencionado que as línguas de especialidade têm a necessidade de compartilhar conhecimentos específicos em escala mundial, caracterizando-se por uma função cognitiva ou referencial que privilegia a uniformidade do conteúdo e da expressão.

As empresas na área de petróleo e gás que têm seus próprios avaliadores de conteúdo técnico de seus documentos ou empresas que trabalham especificamente

com traduções focam a uniformidade, para que assim haja a conformidade. Isso é o que torna os conteúdos *offshore* condizentes ou adequados ao que se referem dentro das versões dos documentos.

A Petrobras, através de uma equipe qualificada, define alguns termos empregados em seus documentos, como por exemplo, na Norma N-1738 – *Descontinuidades em Juntas Soldadas, Fundidos, Forjados e Laminados*, e nela é especificado que a Petrobras é responsável pela adoção e aplicação das suas seções, subseções e enumerações (PETROBRAS b, 2009). Esta norma e outras são elaboradas por técnicos colaboradores da Companhia e das suas Subsidiárias, são comentadas pelas Unidades da Companhia e das suas Subsidiárias, aprovadas pelas Subcomissões Autoras e homologadas pelo Núcleo Executivo, e ainda existe a Comissão de Normalização Técnica. As normas da Petrobras estão sujeitas a revisão, e são reanalisadas a cada cinco anos para serem validadas, revisadas ou até mesmo canceladas.

A essencialidade da uniformidade terminológica, aqui citada em 3.3, é uma responsabilidade para os envolvidos, e não apenas uma recomendação que deve ser seguida sem que haja a devida preocupação com a interpretação, estudo, pesquisa e identificação do uso. Com base na exemplificação da norma da Petrobras, pode-se notar que sua equipe trabalha em parceria com outros departamentos, e há um processo para validação do emprego dos termos adotados. Este processo de avaliação terminológica que a Petrobras realiza é extremamente importante para que a conformidade das designações seja alcançada.

5 EXEMPLOS DOS CONFLITOS NA PADRONIZAÇÃO DOS TERMOS

Existe uma problemática na standardização da terminologia *offshore*; algumas empresas estabelecem termos próprios, e, assim, o tradutor encontra dificuldades em realizar traduções, pois não há uma única referência entre o termo de origem e o termo transferido para outro idioma. Alguns termos são exemplificados nesse capítulo e serão analisadas as complexidades geradas devido à falta uniformização. Os dados coletados e apresentados neste trabalho foram retirados de escopos de trabalhos das instituições que atuam no Brasil, que são entregues às prestadoras de serviço de manutenção/inspeção; de glossários e de dicionários de termos; e de documentos de uma organização brasileira que presta serviços a organizações estrangeiras.

Exemplo 1

No Exemplo 1 serão abordados a falta de padronização do termo “flutuador”, na língua inglesa, e os conflitos na compreensão da tradução do nome, também em inglês, das partes que compõem o flutuador.

Na empresa americana Paragon Offshore (antiga Noble Drilling), o termo “flutuante” ou “flutuador” é mencionado como *pontoon*, que é uma estrutura que envolve a base das colunas das plataformas tipo SS (semisubmersível) e PA (autoelevatória). A representação do *pontoon* de uma plataforma aparece na Figura 3.

Quando é feita uma inspeção submarina para detectar avarias nessa estrutura, é necessário fornecer informações quanto a sua localização. Então, se houver alguma abrasão, por exemplo, na parte inferior do “flutuador” – no fundo – o local do dano deve ser claramente especificado para uma posterior intervenção para ser realizado o reparo. As terminologias que identificam esses locais se confundem com a especificação de outros elementos que fazem parte das unidades marítimas.

A empresa Transocean, que é da Suíça, indica a parte superior do “flutuador” como *pontoon top*, diferente da terminologia tratada em documento da instituição brasileira, Petrobras. Foi obtida, do escopo de trabalho da empresa suíça, a indicação dessa estrutura como *floater*, mais uma nomenclatura diferente.

Na norma N-1812 da Petrobras de terminologia de estruturas oceânicas constam os seguintes termos e suas respectivas traduções:

- *Lower Hull* – Casco Inferior ou Flutuador;
- *Upper Hull* – Casco Superior ou Conveses das Plataformas Semissubmersíveis;
- *Pontoon* – flutuador;
- *Hull* – Casco; definição: Corpo da embarcação, sem acessórios, também aplicável a sistemas flutuantes.

(PETROBRAS c, 2006)

Entende-se, então, que os termos *lower hull* e *pontoon* identificam o “flutuador”. A compreensão de *lower hull* e *upper hull* pode gerar conflitos. Se *hull* significa o “casco do flutuador”, pois faz parte do corpo da embarcação, o *lower hull* pode significar o “fundo do flutuador”, *upper hull* a “parte superior” e *side hull* a “lateral do flutuador”.



Figura 3 – Lado externo do *pontoon* de uma plataforma
 [Disponível em: <<http://worldmaritimeneews.com/archives/97039/prosafe-orders-two-semi-submersible-accommodation-vessels>>. Acesso em: 13 jul. 2015]

Além do problema de compreensão de *lower hull* e *upper hull* acima citado, há também a falta de padronização da terminologia “flutuador”, pois em inglês existem os termos *pontoon*, *floater* e *lower hull*. Veja na Tabela 1 os termos usados pelas empresas e sua tradução.

Empresa	Terminologia	Tradução
Paragon	<i>pontoon</i>	flutuador
Transocean	<i>pontoon top</i>	parte superior do flutuador
Transocean	<i>floater</i>	flutuador
Petrobras	<i>lower hull</i>	casco inferior ou flutuador
Petrobras	<i>pontoon</i>	flutuador

Tabela 1 – Termos referentes ao Exemplo 1 usados pelas empresas Paragon, Transocean e Petrobras

Exemplo 2

Será tratado no Exemplo 2 a falta de uniformização dos termos *draft* e *draught* que têm o mesmo significado: “calado”. Não há problemas na tradução para o português, porém em inglês existem estas duas palavras que nem sempre os glossários e dicionários apresentam.

Draft ou *draught*, tradução do termo técnico naval “calado” é a distância vertical entre a superfície da água e a parte mais baixa do navio naquele ponto (Figura 4).

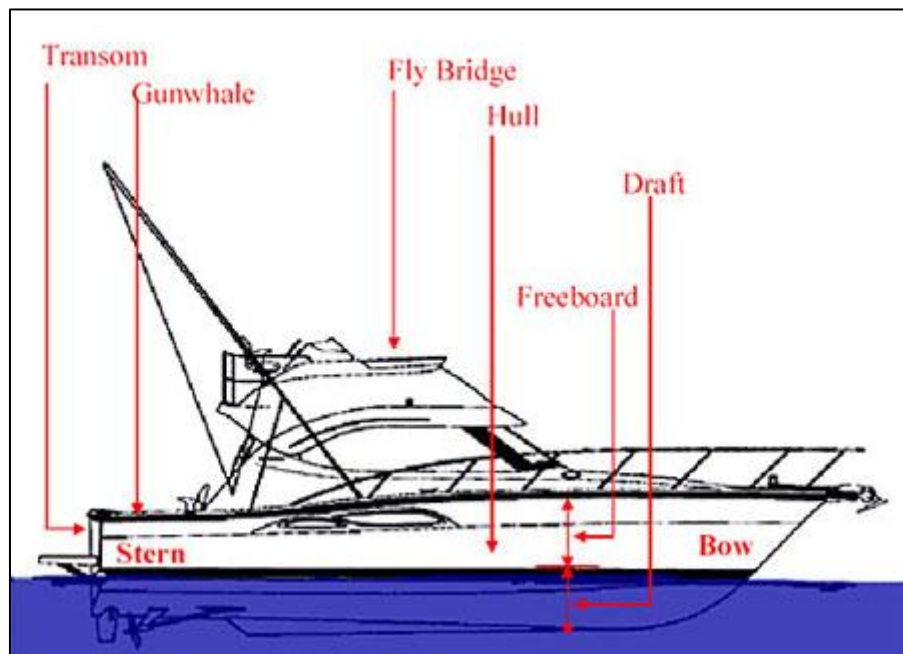


Figura 4 – *Draft* de uma embarcação

[Disponível em: <http://www.boaterlicences.com/online_course_terminology.php>. Acesso em: 16 jul. 2015]

Quando o funcionário (brasileiro) executa uma operação e menciona no relatório o calado, o tradutor que verterá o documento para ser entregue ao

contratante pode optar por uma das duas formas, porém a opção adotada pode não ser a utilizada comumente pelo cliente.

No aplicativo de terminologia da NavTerm, criado por Frederico Bittencourt F. Maia (MAIA, 2011), consta somente o termo *draft* para “calado”, assim como no glossário de português-inglês de Contratos, Construção Naval e Petróleo, do autor Nubio Nunes Revoredo (REVOREDO, 2011). Já no *website* do Portal Naval constam as duas formas, *draft* e *draught* (PORTAL, 1998), e no dicionário naval disponível no *website* da Sociedade Brasileira de Engenharia Naval (SOBENA)⁶, possui também as duas formas *draft* e *draught*, mas são apresentados outros termos compostos de “calado” que usam somente o *draft*, exemplo: “calado máximo” – *loaded draft*; “calado mínimo” – *deep load draft*; “calado avante” – *draft forward*.

As duas palavras *draft* e *draught* estão corretas, mas o tradutor precisa ter conhecimento da nomenclatura que o cliente utiliza para que haja a utilização do mesmo termo comumente utilizado pelo cliente.

Glossário	Terminologia	Tradução
NavSoft	<i>draft</i>	calado
Portal Naval	<i>draft</i> e <i>draught</i>	calado
SOBENA	<i>draft</i> e <i>draught</i>	calado

Tabela 2 – Tradução do termo “calado” apresentada em glossários brasileiros

Como se pode observar na Tabela 2, nem todos os materiais de consulta apresentarão as duas palavras, *draft* e *draught*, para se referir ao termo “calado”. E quanto à aplicação, caberá ao tradutor decidir qual termo usar, tendo como base documentos antigos do cliente, ou mesmo consultando-o para definir qual termo deverá ser aplicado no trabalho de tradução.

Exemplo 3

O terceiro exemplo tratará dos termos *hull* e *plating*. A palavra *hull* significa “costado (lateral) de uma embarcação” e *plating* significa “chapeamento”, porém o termo *plating* também pode se referir ao “costado”.

Em alguns escopos de trabalho, a empresa contratada especifica o serviço a ser realizado e os componentes a serem inspecionados, como *upper hull / lower hull*,

⁶ Disponível em: <http://www.sobena.org.br/diciona_navai.asp>. Acesso em: 13 dez. 2012.

as “partes superior e inferior do casco de um flutuante”. A palavra *hull* é utilizada para indicar o “casco do navio”, porém existem empresas que denominam como “chapeamento” (*plating*) as chapas da plataforma, ou de tanques, ou de colunas. Exemplo: *side hull tank* para a “chapa lateral do tanque”; neste caso outro termo usado para designar essa área é *plate*, que também serve para especificar uma chapa específica, ou *plating*. Exemplo: *bulkhead plating*, “chapeamento da antepara”.

A palavra *plating* não é usada especificamente para indicar o costado de uma unidade marítima, ela pode se referir a alguma chapa de uma estrutura, por exemplo, *column plating* (chapeamento da coluna) e *brace plating* (chapeamento do *brace*).

São apresentadas na Tabela 3 as terminologias *hull* e *plating* e sua respectiva tradução. Não há padronização na tradução nem na aplicação desses termos para indicar áreas, locais ou estruturas diferentes.

Terminologia	Tradução
<i>plating</i>	chapeamento
<i>plating</i>	casco
<i>hull</i>	casco (de navio)
<i>hull</i>	chapa

Tabela 3 – Terminologias *plating* e *hull* e sua respectiva tradução

Exemplo 4

O quarto dado apresentado se refere ao emprego das abreviações de *starboard* (que significa boreste – lado direito de uma unidade marítima, olhando-se de popa para proa) e de *port side* (bombordo – lado esquerdo), com sua tradução obsoleta *larboard* (Figura 5).

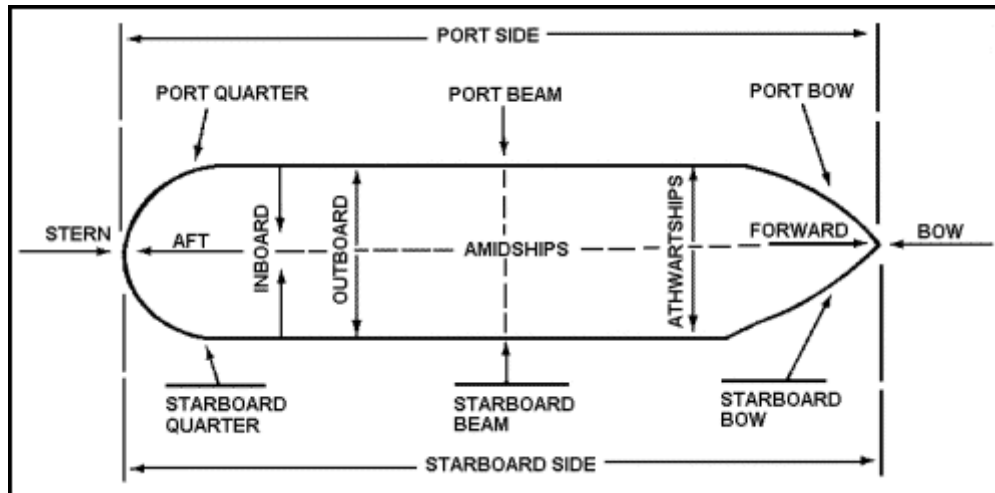


Figura 5 – Lados *starboard* e *port side* de uma embarcação

[Disponível em: <<http://fas.org/man/dod-101/sys/ship/beginner.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2015]

Após pesquisa sobre abreviações e acrônimos, foram verificados no site Acronym Finder⁷ três modos para especificar *starboard*: S (*nautical*), STBD e STB (*vessel*), enquanto no site Abbreviations⁸ há apenas STBD, e no Acronyms – The Free Dictionary, S. Somente o Acronyms – The Free Dictionary⁹ forneceu resultados para *port*, porém estava automaticamente registrado como *Port & Starboard*, com a abreviação P & S.

No documento de terminologias do Sindicato Nacional dos Oficiais de Náutica e de Práticos de Portos da Marinha Mercante (HOFFMAN, 2011) consta *port side* (*port*) e *starboard* (SB), e na Norma 1812 da Petrobras, consta *portboard side* e *starboard side* (PETROBRAS c, 2006).

Nas unidades FPSO¹⁰ Espírito Santo, FPSO Marlim Sul, FPSO Frade, e outras, da empresa Suíça SBM OFFSHORE, são utilizadas as abreviaturas S para representar *starboard* e P para *port side*, como também a Transocean as utiliza. Das quatro fontes consultadas somente o Acronym Finder identificou as mesmas formas para representar as localizações conforme as mencionadas pelas companhias. No documento consultado da Paragon consta STBD e PORT, e, como as palavras estão em letras maiúsculas, isto significa que essas são as abreviações. Na inglesa Subsea 7 são usados SB e PS.

⁷ Disponível em: <<http://www.acronymfinder.com>>. Acesso em: 4 fev. 2012.

⁸ Disponível em: <<http://www.abbreviations.com>>. Acesso em: 4 fev. 2012.

⁹ Disponível em: <<http://www.acronyms.thefreedictionary.com>>. Acesso em: 4 fev. 2012.

¹⁰ FPSO – *Floating Production Storage and Offloading*: unidade flutuante de produção, armazenamento e transferência.

Enfim, não há padrão da abreviatura dos termos *starboard* e *port side*; conforme se pode notar na Tabela 4, existem várias formas de abreviação desses termos.

Fonte de consulta	Abreviação da terminologia <i>Starboard</i>	Abreviação da terminologia <i>Port side</i>
Website Acronym Finder	S; STBD; STB	P
Website Abbreviations	STBD	–
Website Acronyms – The Free Dictionary	S	–
Glossário do Sindicato dos Oficiais da Marinha	SB	port
SBM OFFSHORE (empresa)	S	P
Transocean (empresa)	S	P
Paragon (empresa)	STBD	PORT
Subsea 7 (empresa)	SB	PS

Tabela 4 – Abreviações dos termos *starboard* e *port side* apresentadas por instituições brasileiras e estrangeiras

Exemplo 5

Marine growth, *marine fouling* e *incrustation* são os termos que se referem à “incrustação marinha”, que aparece na Figura 6; essa é a terminologia não padronizada tratada nesse exemplo.



Figura 6 – “Incrustações marinhas” fixadas em estrutura submersa
 [Disponível em: <<http://indianwildlifeblog.com/2014/06/how-to-prevent-marine-growth-on-marine-vessels>>. Acesso em: 17 jul. 2015]

Nas intervenções submarinas, realizadas com mergulhadores ou com veículo de operação remota, são solicitadas inspeções visuais das plataformas ou navios para observar os níveis de incrustações marinhas que se acumulam nas estruturas; essas incrustações são formadas por substâncias moles (algas) e duras (conchas; corais). Existem três termos na língua inglesa para nomear o termo incrustação marinha: a Petrobras define, na Norma 1812 – Rev. C de Terminologia de Estruturas Oceânicas – como: *marine growth* e *marine fouling* (PETROBRAS c, 2006), e o Glossário de Contratos e Construção Naval e Petróleo como *marine fouling* (REVOREDO, 2011). No entanto, a Transocean utiliza a terminologia *incrustation*, e a tradução deste termo em português é “incrustação” – essa palavra de um modo geral pode se referir a qualquer tipo de crosta depositada em alguma estrutura. Logo, o tradutor deve verificar se a referida incrustação é marinha, que são formadas por algas; conchas e corais.

Essas organizações (Petrobras e Transocean), de países distintos, fazem referência ao mesmo termo de modos diferentes, ou seja, não há uma única relação, como se pode notar na Tabela 5.

Fonte de consulta	Terminologia	Tradução
Petrobras	<i>marine growth</i>	incrustação marinha
Petrobras	<i>marine fouling</i>	incrustação marinha
Glossário de Contratos e Construção Naval e Petróleo	<i>marine fouling</i>	incrustação marinha
Transocean	<i>incrustation</i>	incrustação

Tabela 5 – Tradução do termo “incrustação marinha” apresentadas por organizações brasileiras e estrangeira

Exemplo 6

O sexto exemplo é sobre um termo técnico que em português significa “solda de costura”; em inglês foram encontradas duas representações.

As representações encontradas foram *weld seam* (usado pela empresa Transocean, dado retirado do escopo de inspeção de classe submarina) e *seam weld* (PETROBRAS a, 2009, p. 15). Este é mais um caso de terminologia em que não há padronização. O significado é o mesmo – “solda de costura” – de acordo com a terminologia de soldagem da Comissão de Normalização Técnica da Petrobras (PETROBRAS a, 2009, p. 15); trata-se de uma solda realizada de forma contínua,

que pode estar entre ou sobre componentes sobrepostos. Exemplo de solda de costura na Figura 7.



Figura 7 – “Solda de costura” unindo duas estruturas
[Disponível em: <<http://www.vista-industrial.com/blog/stitch-welding-vs-seam-welding>>.
Acesso em: 17 jul. 2015]

Contudo, não se pode afirmar categoricamente que devido ao posicionamento dos termos, uma ou outra aplicação seja a correta, já que termos técnicos são palavras específicas de uma área e suas aplicações estabelecidas por seus profissionais já estão em uso.

Exemplo 7

O sétimo exemplo tratará de um termo com o mesmo significado em português – “amarra” – mas com cinco possibilidades de tradução em inglês.

A amarra (Figura 8), que é uma “corrente para ancoragem e usos diversos em embarcações e instalações marítimas”, possui cinco possibilidades de tradução em inglês: *anchor chain*, *anchor cable*, *cable chain*, *chain cable* e *mooring chain*.



Figura 8 – “Amarra” de um navio

[Disponível em: <<http://www.safety4sea.com/psc%E2%80%93international-convention-on-the-control-of-harmful-anti-fouling-systems-on--13725>>. Acesso em: 17 jul. 2015]

Os termos e sua respectiva tradução, citados na Tabela 6, foram retirados de documentos diferentes relacionados à área *offshore*.

Terminologia	Tradução
<i>anchor chain</i>	amarra de âncora
<i>anchor cable</i>	amarra de âncora
<i>cable chain</i>	amarra de corrente
<i>chain cable</i>	amarra
<i>mooring chain</i>	amarra

Tabela 6 – Terminologia “amarra” e suas representações em inglês

Se *chain* é “corrente”, *cable* é “cabo”, *mooring* é “amarração” e *anchor* é “âncora”, o significado das terminologias em inglês de algumas traduções pode gerar imprecisão. Se a “amarra” é formada por uma corrente, o termo *cable* parece não ser adequado nas terminologias *anchor cable*, *cable chain* e *chain cable*. Contudo, não se pode afirmar qual termo é o correto.

Exemplo 8

O termo analisado nesse oitavo exemplo é “grade”, especificamente as traduções em inglês da “grade da caixa de mar” (Figura 9). “Caixa de mar” é uma abertura localizada na linha d’água no exterior do casco de navios e plataformas.



Figura 9 – “Grade da caixa de mar” de uma plataforma
 [Disponível em: <<http://cargo-inspection.com/eg/n/1975/0/vietnam-underwater-ship-hull-cleaning.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2015]

No *website* australiano Marine Pests há um exemplo de referência à “grade da caixa de mar” utilizando o termo *grate*: *mussels clogging sea chest grate*¹¹; e no T&C Marine, *grating*: *once the sea chest was completed an HST applicator was attached to the grating of the opening and heat trials took place*¹². No site da Nordhavn, também há o uso de *grate*¹³.

¹¹ Disponível em: <http://www.marinepests.gov.au/commercial_shipping/managing-biofouling/Pages/Vessels.aspx>. Acesso em: 2 fev. 2012.

¹² Disponível em: <<http://www.tcmarine.com.au/a/40.html>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

¹³ Disponível em: <<http://www.nordhavn.com/resources/tech>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

Já no site espanhol Marine Service, que pertence a uma organização que realiza serviços de limpeza sumbarina, consta a seguinte frase: *underwater cleaning of sea chest **gratings** on the outside (passing the cleaning machine over the **gratings** only, not cleaning between bars)*¹⁴; aqui é empregado o termo *grating*.

A empresa Biga Group Ltd., da Croácia, que executa manutenções em embarcações, também usa o termo *grid*; foi retirada a seguinte frase do seu *website*: *underwater suction systems, **grids**, valves*¹⁵.

Outra forma encontrada, diferente das apresentadas anteriormente, é *grid*, no *website* norueguês Miko Marine, consta a frase: *requires installation of “blind” on the outside of the sea chest **grid***¹⁶, e o documento de termos técnicos Marítimos do Sindicato dos Oficiais de Náutica e de Práticos de Portos da Marinha Mercante brasileira também apresenta esta versão (HOFFMAN, 2011).

Na Tabela 7 são apresentadas as formas, em inglês, com que as empresas citadas neste Exemplo 8 usam a palavra “grade”.

Fonte de consulta	País da fonte	Terminologia
Marine Pests	Austrália	<i>grate</i>
T&C Marine	Austrália	<i>grating</i>
Nordhavn	Estados Unidos	<i>grate</i>
Marine Service	Espanha	<i>grating</i>
Biga Group Ltd	Croácia	<i>grid</i>
Miko Marine	Noruega	<i>grid</i>

Tabela 7 – Tradução do termo “grade” apresentadas por empresas internacionais

Com tantas aplicações de empresas de diferentes nacionalidades, não é possível definir qual emprego em inglês de “grade” é adequado, ou se todos são adequados.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.marineservice.es/en/underwater-cleaning/underwater-complete-hull-cleaning>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.bigagroup.com/en/underwater-cleaning.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.mikomarine.com/ircs-integrated-remote-closure-of-sea-chest>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

Exemplo 9

O nono exemplo tratará de traduções diferentes de inglês para português dos termos “longarina”, “trincaniz”, “escoa” e “escora”, que são peças estruturais de um navio. Alguns elementos da estrutura de um navio aparecem na Figura 10.

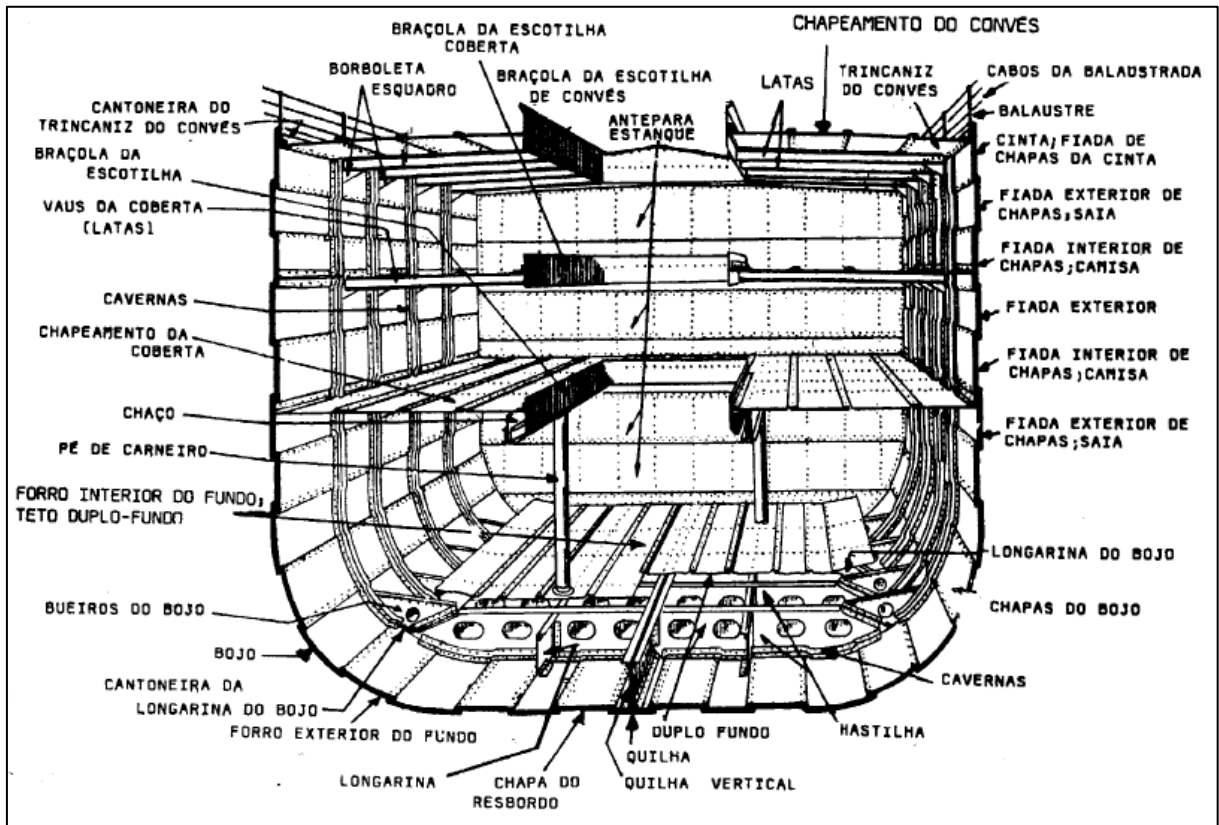


Figura 10 – Peças estruturais de um navio

[Disponível em: <<http://cruzeiros.xpg.uol.com.br/Web/P%E1gina%203.htm>>. Acesso em: 21 jul. 2015]

Antes de introduzir os termos em inglês, serão apresentadas as definições em português das palavras que serão analisadas, de acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2001).

- Longarina: termo de marinha – é uma "peça estrutural do esqueleto do navio, colocada de modo longitudinal e que cruza internamente as cavernas; longitudinal";
- Trincaniz: "cada uma das peças de madeira ou ferro que correm ao longo do navio, ao pé dos embornais, e servem para escoar água";
- Escoa: "cada carreira de grossas tábuas ou de chapas que se dispõem internamente sobre as cavernas para reforçar a ossatura do navio";

- Escora: "cada uma das peças longas de madeira ou aço que sustentam lateralmente uma embarcação durante sua construção ou reparo".

Nas terminologias de estrutura do navio descritas no documento do Sindicato Nacional dos Oficiais de Náutica e de Práticos de Portos da Marinha Mercante (HOFFMAN, 2011) consta que a tradução de *stringer* é “trincaniz”; *stringer angle bar* – “escoa”; e *girder* – “longarina”, “sicorda” (*deck girder*). Já nas terminologias de Estruturas Oceânicas da Norma da Petrobras, *stringer* é escoa, com a seguinte definição: "viga enrijecedora horizontal"; *girder* – "viga ou longarina", cuja definição é: "componente estrutural que serve, em geral, de reforço longitudinal" (PETROBRAS c, 2006), concordante com a descrição do dicionário Houaiss. A tradução de *girder* coincidiu com aquela apresentada pelo Sindicato, porém a de *stringer* não foi a mesma; o Sindicato designou como “trincaniz”, e não há o termo “trincaniz” nessa Norma de terminologia. E a explicação resumida sobre “escoa” dada pela Petrobras está em concordância com a do dicionário Houaiss, pois a “viga” é cada uma das peças que sustenta a estrutura do navio.

No NavTerm, Glossário de Terminologia Naval, *stringer plate* é “trincaniz, fiada do trincaniz”; *stringer* é “longarina”, definida como "cada uma das vigas estruturais do casco da embarcação, dispostas no sentido de proa a popa, e que amarram as cavernas entre si; longitudinal" (MAIA, 2011). O esclarecimento do que se trata o termo “longarina” está de acordo com o dicionário Houaiss (2001) e o documento da Petrobras, mas não o termo em si, que seria *girder*; e “escoa” possui duas traduções, *ceiling stringer* e *bilge keelson stringer*, diferentemente das traduções apresentadas pelo Sindicato e pela Petrobras.

O Glossário de Terminologia de Contratos, Construção Naval e Petróleo possui os termos *stringer*, que é trincaniz (REVOREDO, 2011), mesma tradução proposta pelo Sindicato; e o termo *stringer angle bar* foi traduzido nesse glossário como “escora”.

Todas as traduções encontradas dos termos “longarina”, “trincaniz”, “escoa” e “escora” estão dispostas na Tabela 8.

Fonte de consulta	Terminologia	Tradução
Sindicato dos Oficiais da Marinha	<i>stringer</i>	trincaniz
Sindicato dos Oficiais da Marinha	<i>stringer angle bar</i>	escoa
Sindicato dos Oficiais da Marinha	<i>girder</i>	longarina
Petrobras	<i>stringer</i>	escoa
Petrobras	<i>girder</i>	longarina
NavTerm	<i>stringer plate</i>	trincaniz
NavTerm	<i>stringer</i>	longarina
NavTerm	<i>ceiling stringer e bilge keelson stringer</i>	escoa
Glossário Contratos, Construção Naval e Petróleo	<i>stringer</i>	trincaniz
Glossário Contratos, Construção Naval e Petróleo	<i>stringer angle bar</i>	escora

Tabela 8 – Tradução dos termos “longarina”, “trincaniz”, “escoa” e “escora” apresentadas por organizações brasileiras

Não há padronização dos termos apresentados neste exemplo, pois foram encontradas três traduções diferentes para o termo *stringer* – “trincaniz”, “escoa” e “longarina”; uma tradução para *girder* – “longarina”; duas para *stringer angle bar* – “escora” e “escoa”; uma para *stringer plate* – “trincaniz”; e uma para *ceiling stringer e bilge keelson stringer* – “escoa”.

Exemplo 10

No Exemplo 10 está o termo “olhal” (Figura 11) – anel metálico fixado em diversas partes da estrutura de uma unidade marítima para engate de aparelhos ou amarração de cabos, que em inglês possui duas grafias: *padeye* e *pad eye* (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001).



Figura 11 – “Olhal” fixado em uma estrutura

[Disponível em: <<http://www.northlinkferries.co.uk/other/freight/cargo-lashing>>. Acesso em: 20 jul. 2015]

No Glossário de Termos de Perfuração *Offshore*, Refino de Petróleo e Naval de Ernesto Veras¹⁷, a palavra “olhal” é grafada como *padeye*; já no Glossário Técnico Ilustrado para a Indústria *Offshore* (PORTAS, 2011), a escrita é diferente: *pad eye*. Foi realizada uma pesquisa junto a algumas empresas estrangeiras que trabalham com fornecimento e teste de carga de olhais, para verificar a representação escrita dessas peças. A empresa inglesa S3I Group¹⁸ e as americanas Berkeley Point¹⁹ e Bosun Supplies²⁰ grafam o termo como *pad eye*; a empresa americana Hurley Marine (HURLEY, 2000), a chinesa Lanxun²¹ e a australiana Green Monster (GREEN, 1947) grafam *padeye*. As frases descritas abaixo foram retiradas do site das empresas mencionadas nesse parágrafo, para exemplificar os usos do termo “olhal”.

¹⁷ Disponível em: <http://www.babylon.com/free-dictionaries/Diccionario_de_TOTFinder_Perfura%C3%A7%C3%A3o_Offshore_e_Naval/21081.html>. Acesso em: 25 jul. 2012.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.s3i.co.uk/padeyes.php>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

¹⁹ Disponível em: <http://www.berkeleypoint.com/products/hardware/index_pad_eye.html>. Acesso em: 25 jul. 2012.

²⁰ Disponível em: <<http://www.bosunsupplies.com/stainless-steel-pad-eyes>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

²¹ Disponível em: <<http://www.lanxun.com/pce/padeye.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

- S3I Group – *Stainless Steel Long **Pad Eye**.*
- Berkeley Point – ***Pad eyes** and eye straps are extremely useful hardware.*
- Bosun Supplies – *A simple yet functional **pad eye**. It's good for many applications throughout your boat.*
- Hurley Marine – *Do you need Straps and **Padeyes** to secure your dinghy to the platform?*
- Lanxun – *With this program, you can design a **padeye** within minutes.*
- Green Monster – *GMO's innovative, in-house developed **padeye** testers, provide unrivalled flexibility and ease of use.*

Não há estabelecimento de qual dessas duas representações – *padeye* e *pad eye* – é a correta, ou se as duas são corretas.

Exemplo 11

A parte localizada no meio de um navio é chamada de “meia nau” (Figura 12). Em inglês são utilizadas quatro palavras com pequenas diferenças gráficas para se referir à “meia nau”, aqui apresentadas.

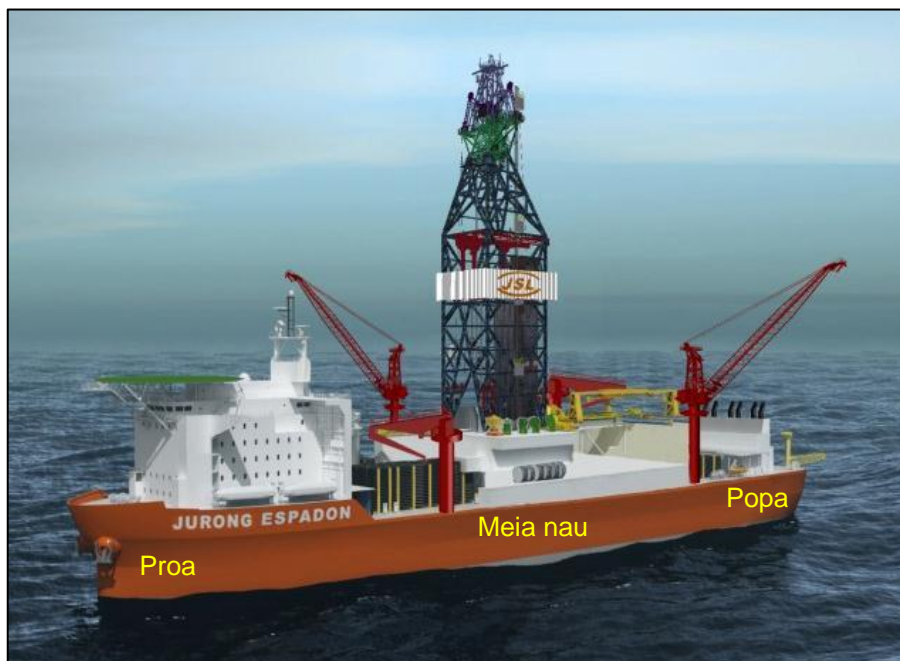


Figura 12 – “Meia nau” de um navio
 [Disponível em: <<http://worldmaritimeneews.com/archives/71763/aker-solutions-lands-drilling-equipment-contract-from-brazil>>. Acesso em: 21 jul. 2015]

No Glossário Técnico Ilustrado para a Indústria *Offshore* (PORTAS, 2011) é usado o termo *amidship*, assim como no Glossário de Terminologia Naval, NavTerm, de Frederico Bittencourt Maia (MAIA, 2011). No *Dictionary for the petroleum industry* (ROBERTS, 1997), o termo “meia nau” é referido como *amidships* – (...) *a vessel's deck height above the baseline is higher (or lower) at the ends than amidships*. *Amidships* também é utilizado no Glossário Inglês Técnico Marítimo (HOFFMAN, 2011). Foi encontrada outra tradução no glossário de terminologia *offshore* disponível no site Portal Naval – *midship* (PORTAL, 1998). A última representação em inglês de “meia nau” é *midships*, encontrada no glossário *Draft survey: terms of conduct*, disponível no site da Seven Surveyor – ***Midships***: *longitudinal center of the vessel as indicated on the hull by the Port and Starboard loadline marks*²².

O termo “meia nau” possui quatro grafias em inglês: *amidship*, *amidships*, *midship* e *midships*; essa variedade de terminologias dificulta o trabalho do tradutor, pois não há uniformização da grafia.

²² Disponível em: <<http://www.sevensurveyor.com/draft-survey-terms-of-conduct>>. Acesso em 25 jul. 2012.

6 CONCLUSÃO

Naturalmente, todos os anos de intensas atividades *offshore* e navais desenvolveram entre os operadores (geólogos, engenheiros de perfuração e de produção) uma terminologia própria, quase toda em língua inglesa, tendo em vista sua origem. No entanto, as empresas internacionais envolvidas nesse ramo têm peculiaridades em relação ao uso de alguns termos, de forma que elas identificam áreas, componentes e equipamentos de maneira diferente do que é aplicado em outras organizações.

Cada empresa que trabalha realizando perfurações para descoberta e desenvolvimento de recursos de óleo e gás, ou trabalha com embarcações para armazenamento e/ou transporte de petróleo e equipamentos, tem também seu modo de especificar algumas localizações, componentes e estruturas. Se cada empresa estabelece alguns termos próprios, como um tradutor realizará a versão de um relatório de português para inglês que atenda à solicitação do cliente, se não há padronização terminológica?

No Capítulo 5 foram apresentados alguns exemplos dos conflitos da padronização dos termos; foram expostas as dificuldades encontradas na aplicação de terminologia *offshore*, pois não é definida uma única relação entre um termo original e um termo emitido em outro idioma; por exemplo, existem termos em inglês grafados de formas diferentes, mas com o mesmo significado, ou termos em inglês com mais de um significado em português.

De fato, a questão mais complicada no processo de tradução de textos sobre petróleo e gás é a terminologia, não só nessa área, mas em todas as demais, principalmente quando há problemas devido à não uniformização de termos e também quando o assunto específico não é dominado pelo tradutor. É importante a identificação dos termos e a compreensão de seu significado, de sua definição e legitimidade. Em todo processo a intenção é informar, sempre com precisão, clareza e rigor.

A tradução de um texto na área naval representa um desafio, pois reúne o que é global e local, habilidades e estratégias que devem ser empregadas pelo tradutor durante o processo tradutório. As dificuldades e dúvidas serão inevitáveis, devido à padronização dos termos que estão em contínua atualização, assim como a nomenclatura e/ou fraseologias que os clientes identificam ou têm o hábito de

aplicar. De fato, o tradutor lidará com uma terminologia instável e irregular, pois é redigida e codificada em diferentes países, por diversas empresas e ao longo dos estágios diversos de desenvolvimento de um setor. É fundamental que o tradutor tenha conhecimento do assunto que irá tratar no trabalho, de seu contratante, que faça pesquisa de vocabulário, além de ter familiaridade com os processos envolvidos.

A padronização é fundamental para assegurar a qualidade da tradução exigida pelo cliente final, porém, muitos deles às vezes estabelecem padronizações linguísticas e estilísticas questionáveis, como se pôde observar ao longo deste trabalho. Como o mercado de trabalho é muito veloz, muitas vezes o tradutor se vê imerso nos sistemas de normas, padrões e restrições dos clientes, sem se dar conta das influências que podem estar atuando sobre seu principal instrumento de trabalho: a língua. É essencial que o profissional da tradução tenha consciência dos pontos positivos e negativos das padronizações em tradução técnica e tenha atenção quanto à sua criatividade linguística ao combinar termos técnicos ou expressões *offshore*, para não deixar de atender às exigências de seus vários clientes.

A indústria *offshore* exige uma constante atualização de todos os seus agentes, e para solucionar o problema de conflitos na padronização das terminologias e fraseologias é necessária a participação de todos os envolvidos, visando à melhoria sucessiva, através de críticas e sugestões. Enfim, é essencial que haja o comprometimento das empresas clientes com a qualidade das traduções que elas mesmas solicitam. Um trabalho de tradução com qualidade não é alcançado apenas se o tradutor tiver vasta experiência na área naval, ou se há grande número de ferramentas de trabalho, ou de material de consulta, ou de programas de computador de armazenamento de termos. As ferramentas de pesquisa e o conhecimento auxiliam na execução de um bom trabalho, mas o que pode determinar uma tradução de qualidade é o empenho do tradutor em realizar o melhor de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABS Underwater Inspection in Lieu of Dry-docking (UWILD). ABSID – 8129224, IMO – Number 8756277. [Documento interno da empresa].

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação. Citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: 2002. 7p.

BLAIS, E. **Le phraséologisme**. Une Hypothèse de travail. Terminologies Nouvelles. Bélgica: RINT, 1993, n. 10.

BOSUN Supplies. 1998. Disponível em: <<http://www.bosunsupplies.com>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

BOW AND STERN THRUSTERS. Invicta Marine. 2006. Disponível em: <http://www.invicta-marine.com/images/Bow_Thruster_Instln.jpg>. Acesso em: 22 out. 2011.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Emenda Constitucional nº 9, de 9 de novembro de 1995. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc09.htm>. Acesso em: 9 jul. 2012.

BYRNE, Jody. **Technical Translation**: Usability Strategies for Translating Technical Documentation. Springer. Netherlands: Dordrecht, 2006.

COSTA, Paulo Roberto da. **Glossário de Mecânica**. Disponível em: <<http://www.babylon.com>>. Acesso em: 22 out. 2011.

DATATRANS. **Laughs and Nightmares in Oilfield Translations**. 2008. Disponível em: <<http://www.datatrans.com.br>>. Acesso em: 9 jul. 2012.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA 2.0. Instituto Antônio Houaiss: Rio de Janeiro: Objetiva Ltda., 2001. CD-ROM.

FAULSTICH, Enilde. (2002). Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. In: **TradTerm**, nº 7, São Paulo: USP, 2002, p. 41.

GUO, Boyun; LYONS William C.; GHALAMBOR, Ali. **Petroleum Production Engineering** – A Computer Assisted Approach. Oxford: Elsevier Science Technology Books, 2007.

GREEN Monster. 1947. Disponível em: <<http://www.greenmonster.com.au>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Bem-Vinda Terminologia**, 2004, p. 278. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca16/matraca16a21.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2012.

HOFFMAN, August Frederick Hans. Sindicato Nacional dos Oficiais de Náutica e de Práticos de Portos da Marinha Mercante. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/86328533/INGLES-TECNICO-MARITIMO-Sindicato-Nacional-dos-Oficiais-de-Nautica-e-de-Praticos-de-Portos-da-Marinha-Mercante#scribd>>. Acesso em: 20 out. 2011.

HURLEY Marine, Inc. 2000. Disponível em: <<http://www.hurleymarine.com>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia** – teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LANXUN. 2005. Disponível em: <<http://www.lanxun.com/pce/padeye.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

LÉRAT, P. Langues spécialisées et documentation. In: LÉRAT, P. **Les langues spécialisées**. Paris: PUF, 1995, p. 54.

LOPES, Flávia Caheté. **O conflito entre a exploração offshore de petróleo e a atividade pesqueira artesanal**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Economia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2004. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/brnd/round9/round9/guias_R9/sismica_R9/Bibliografia/Lopes%202004%20-%20exploracao%20offshore%20x%20atividade%20pesqueiral.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2011.

MAGALHÃES, Francisco José. **Tradução Técnica e Criatividade**: Alguns Aspectos não Teóricos. Babilônia – Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução. Portugal, número 005, 2007.

MAIA, Frederico Bittencourt F. **NavTerm** – Glossário de Terminologia Naval (Inglês-Português-Inglês). Disponível em: <<http://www.babylon.com>>. Acesso em: 22 out. 2011.

MARTINS, José Airton de Lacerda; HUBNER, Ernani Luiz; SANTOS, José Wilson da Rocha. **Glossário de Engenharia Submarina da Petrobras**, 1997.

NAVSOFT – **Glossários Naval e Offshore**. 2000. Disponível em: <<http://www.navsoft.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2011.

NEWMARK, Peter. **A Textbook of translation**. Hertfordshire: Prentice-Hall International, 1988.

OIL & GAS FIELD TECHNICAL TERMS GLOSSARY. 2007. Disponível em: <<http://www.oilgassglossary.com>>. Acesso em: 20 out. 2011.

PAVEL, S.; NOLET, D. **Handbook of terminology**. Minister of Public Works and Government Services Canada, Québec, Canadá: 2002.

PETROBRAS. (a). Comissão de Normalização Técnica. Norma N-1438 – **Terminologia Soldagem**. 2009, p. 15. Disponível em: <http://sites.petrobras.com.br/CanalFornecedor/portugues/requisitocontratacao/requisito_normastecnicas.asp>. Acesso em: 19 jul. 2012.

_____. (b). Comissão de Normalização Técnica. Norma N-1738 – **Descontinuidades em Juntas Soldadas, Fundidos Forjados e Laminados**. 2009. Disponível em: <http://sites.petrobras.com.br/CanalFornecedor/portugues/requisitocontratacao/requisito_normastecnicas.asp>. Acesso em: 19 jul. 2012.

_____. (c). Comissão de Normalização Técnica. Norma N-1812 – **Estruturas Oceânicas**. 2006. Disponível em: <http://sites.petrobras.com.br/CanalFornecedor/portugues/requisitocontratacao/requisito_normastecnicas.asp>. Acesso em: 19 jul. 2012.

PORTAL Naval. Glossário Naval. 1998. Disponível em: <<http://www.portalnaval.com.br/glossario>>. Acesso em: 22 out. 2011.

PORTAS, Adriana Monteiro. 2011. **Glossário Técnico Ilustrado para a Indústria Offshore**. Editora Clube dos Autores. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51488350/Glossario-Tecnico-Illustrado-Para-a-Industria-Offshore>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

REVOREDO, Nubio Nunes. **Glossário Terminologia de Contratos, Construção Naval e Petróleo (Português-Inglês-Português)**. Disponível em: <<http://www.babylon.com>>. Acesso em: 22 out. 2011.

ROBERTS, Kathryn. **Dictionary for the petroleum industry**. Petroleum Extension Service, Division of Continuing Education, University of Texas at Austin, 1997.

SILVEIRA, Marcos Machado da. **Introdução ao apoio marítimo**. 2001. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/299592/mod_resource/content/1/Apostila%20Apoio%20Maritimo.pdf>. Acesso em: 22 out. 2011.

THOMAS, José Eduardo. Interciência. **Fundamentos de Engenharia de Petróleo**, 2001.

TRANSLATION Bureau. 1934. Disponível em: <<http://www.btb.termiumplus.gc.ca>>. Acesso em: 19 set. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de Bibliotecas e Informação – SiBI. Série Manual de Procedimento, n. 05. **Manual para elaboração e normalização de dissertações e teses**. 3. ed. rev. atual. e ampl. Rio de Janeiro: 2004. Cópia do documento.